

A MIRAÇÃO DAIMISTA E O VIRTUAL: CORRELAÇÕES E DIFERENÇAS

Maria Clara Rebel Araújo
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ
clararebel@yahoo.com.br

Ricardo Vialves-Castro
Professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ
diretoria@museudarepublica.org.br

Resumo: o presente artigo foi escrito no âmbito da pesquisa para a dissertação de mestrado em Psicologia Social da UERJ, sobre aspectos psicossociológicos da doutrina do Santo Daime. Nele procuraremos conceituar, primeiramente, a miração daimista (estado alterado de consciência que ocorre após a ingestão do chá – Daime) e o conceito de virtual proposto pelo filósofo Pierre Lévy. A partir disso, discutiremos semelhanças e diferenças que contribuem para a compreensão do fenômeno da miração e do conceito de virtual. Concluímos que existem diferenças entre o virtual e a miração, embora ambos sejam instrumentos valiosos para a construção do pensamento humano e da realidade social. Os dois conceitos têm, além disso, algo em comum: são temas ainda pouco estudados pela psicologia social, apresentando aspectos fundamentais na relação indivíduo-sociedade.

Palavras-chave: Santo Daime; religião; virtual; psicologia social.

Abstract: the present article was written based on a research for a master degree's essay in the Post-Graduation Program of Social Psychology at Rio de Janeiro State University (UERJ) about psycho-sociological aspects of “Santo Daime” doctrine. We will try to illustrate, firstly, the daimist “miração” (altered state of consciousness due to the ingestion of “Daime” tea) and also the concept of virtual plane as defined by Pierre Lévy. We will then discuss resemblances and differences which contribute for a better understanding of the “miração” phenomenon and the concept of virtual plane. We conclude that there are differences between the virtual plane and “miração”, although both are valuable tools for constructing human thought and social reality. Besides, these concepts have something in common: the lack of Social Psychology studies, and the fact that both show fundamental aspects in the relationship between individual and society.

Key-words: Santo Daime; religion; virtual; social psychology.

Introdução

O presente artigo surgiu a partir de nossa pesquisa e das discussões levantadas na disciplina “Psicologia e o Virtual”, oferecida pelo Prof. Dr. Ricardo Vieiralves-Castro. Gostaríamos de pensar a questão do virtual e suas possibilidades tal como esse conceito é abordado pelo pensador Pierre Lévy, procurando estabelecer alguns paralelos entre sua abordagem do tema e as experiências de estados alterados de consciência vividos pelos adeptos da doutrina do Santo Daime. Pretendemos com isso pensar se a miração¹ (ou seja, o estado visionário experimentado

¹ Miração é um termo usado pelos adeptos do Santo Daime. Para mais informações, ver MacRae (1992).

após a ingestão do chá – Santo Daime) corresponderia a um plano virtual tal como Lévy o descreve. Sabemos que, quando aborda o virtual, esse autor está se referindo principalmente às novas tecnologias da informação. Sua maneira de descrever o virtual começa “na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato” (Lévy, 1996, p. 15). O virtual é, então, uma força, uma potência que tende a atualizar-se. Não seria, porém, impensável estabelecer a miração como plano virtual, uma vez que, para quem já participou de uma ritual daimista, a miração, tal como o virtual, segundo o autor:

[...] rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata. (Lévy, 1996, p. 13)

A miração não pode ser abordada, portanto, como apenas uma alucinação, de certa forma coletiva, ou como algo destituído de sentido, mas como algo que gera sentido e atualização, sendo de fundamental importância na vida religiosa dos membros da doutrina. Também não é nossa intenção traçar uma comparação entre sistemas e redes computacionais e a mente humana, nos moldes propostos pelas ciências cognitivas de base behaviorista (que postula que o funcionamento da mente assemelha-se ao do computador). Como veremos, o ritual com o chá conduz a um estado alterado de consciência por meio do qual o adepto entra em contato com imagens, pensamentos, sensações, enfim, toda uma rede de informações que, uma vez acessadas, também afetam sua vida cotidiana e geram toda uma série de práticas sociais e mudanças no modo de ver e agir no mundo. Seria possível pensar a miração como algo virtual que, por sua vez, gera uma atualização, tal como descreve Lévy? Quais semelhanças e diferenças poderiam existir entre a miração e o virtual? Embora tenhamos em mente que se trata de temas complexos, difíceis de serem abordados somente em um artigo, gostaríamos de correr o risco, ao procurar traçar brevemente uma resposta para as perguntas levantadas acima, procurando, não a solução definitiva da questão, mas antes uma possibilidade, um olhar aberto sobre temas aparentemente tão díspares: um que remete essa novíssima (e pouco estudada) maneira de trocar informações em nosso mundo moderno e outra que envolve práticas que vêm de costumes indígenas antiqüíssimos (também pouco estudados, especialmente pela psicologia) e hoje também estão presentes em nosso “caldo cultural” da pós-modernidade. Assim sendo, primeiramente, iremos entender melhor o que é a miração, conhecer seu uso individual/social, sua importância na religião daimista, tanto nos rituais quanto nas demais práticas sociais. A seguir, examinaremos melhor o virtual segundo Lévy, em especial as correspondências entre o virtual e o atual, com suas múltiplas possibilidades. Por fim, gostaríamos de abrir espaço para a discussão sobre a possibilidade de a miração daimista ser entendida como um “mundo virtual” ou por que ela não se encaixaria nessa concepção levyniana do virtual. A miração daimista. Gostaríamos, neste ponto, de descrever sucintamente a miração daimista, uma vez que, mais tarde, tentaremos entendê-la como acesso a uma “realidade virtual”, a uma “inteligência partilhada”. Posteriormente, ressaltaremos as possíveis diferenças dessa experiência para a experiência de realidade virtual tal como descrita por Lévy. Segundo MacRae:

Atualmente é comum afirmar-se que o uso de substâncias de efeito psicoativo constitui prática difundida por toda humanidade, desde seus primórdios. Uma prática que alguns estudiosos associam a uma necessidade inata ao homem de provocar periódicas alterações em sua consciência. (1992, p. 116)

Primeiramente, a miração é um estado alterado de consciência alcançado através da ingestão de um chá (chamado de Daime ou ayahuasca) que vem sendo usado com propósitos religiosos há séculos pelos índios do Alto Amazonas (predominantemente Acre e Peru). No início do século XX, iniciou-se o uso do chá em rituais de cunho marcadamente cristão, através de um militar nordestino que, em missão de demarcação das terras da fronteira Brasil-Peru, experimentou o chá e teve uma série de visões com a Virgem da Conceição, que lhe disse que ele fundaria uma nova religião, baseada na ingestão do chá acompanhada do canto de vários hinos, que lhe foram ditados por ela ao longo de alguns anos. Surgia aí o Santo Daime. Segundo Bolsanello:

Em primeiro lugar, os daimistas crêem no mundo dos espíritos. Todas as “linhas” que trabalham no astral ao lado dos daimistas em seus ritos estão sob a gerência da Virgem da Conceição e São João Batista, que, por sua vez, acatam as ordens de Jesus. Cada grupo de entidades, ou seja, cada “linha”(caboclos, orixás, orientais...) corresponde a degraus na evolução espiritual. Todos estão subordinados a Jesus Cristo, considerado o espírito responsável por nosso sistema solar e que coordena a missão do Santo Daime. (1995, p. 136)

Embora, com o passar dos anos, tenham surgido algumas dissidências dentro da doutrina e novas igrejas tenham surgido, o cunho religioso do uso do chá manteve-se. A ingestão do Daime é, na maioria das vezes, um ritual coletivo, no qual os efeitos da miração são acompanhados pelo canto dos hinos, orações, e, em algumas ocasiões, pelo bailado, dança ritual daimista. Segundo o escritor e líder daimista Alverga:

A primeira coisa que o Daime exige é que você abandone qualquer pretensão de considerá-lo uma bebida alucinógena que vai lhe ocasionar “baratos”. Quem for por esse caminho, escorrega e cai. E o tombo às vezes é feio. (1986, p. 6)

O uso do Daime tem como objetivo fazer com que o adepto receba ensinamentos, examine suas falhas e se torne uma pessoa compromissada com o amor, a verdade, a caridade, a justiça e a harmonia. Existe, ainda, um propósito de purificação e cura do corpo e da alma, muito presente nos rituais através dos hinos. Segundo os daimistas, esses ensinamentos, essas advertências e curas vêm diretamente do mundo astral, sendo revelados através das mirações. Vale ressaltar também que, embora a doutrina tenha uma influência predominantemente cristã, existem também várias referências a entidades da umbanda (como orixás, caboclos, etc.) e a outras doutrinas espiritualistas, como o kardecismo, assim como uma forte influência das crenças oriundas das culturas caboclas e xamanísticas presentes na Amazônia, tal como já foi demonstrado e discutido por vários autores, entre eles Fróes (1986), Labate (2004) e MacRae (1992). Durante a miração, muitos indivíduos têm a sensação de estar em contato com divindades de diversas religiões ou com espíritos dos mortos. Podem também passar por uma profunda tomada de consciência e avaliação de sua conduta e de suas “faltas”, tendo acesso a ensinamentos sobre si mesmos e o mundo. Durante esse tipo de estado alterado de consciência:

Podemos experimentar seqüências de morte e renascimento psicológicos e um largo espectro de fenômenos transpessoais, tais como sensações de total união com outras pessoas, com a natureza, com o universo e com Deus. Podemos desvendar o que parecem ser memórias de outras encarnações, encontrar poderosas figuras arquetípicas, ter comunicação com seres desencarnados e visitar numerosas paisagens mitológicas. [...] Esse tipo de experiências holotrópicas² [...] são a chave para a compreensão da vida ritual e espiritual da humanidade, desde o xamanismo e as cerimônias sagradas das tribos aborígenes até as grandes religiões do mundo. (Grof, 2000, p. 19)

Os rituais daimistas são elaborados para facilitar essa introspecção, e o conteúdo dos hinos muitas vezes sugere os “temas” das mirações: falam da importância de se estar purificado, ter “firmeza”, alcançar a cura para os males físicos, mentais e espirituais, louvam diversas entidades do mundo espiritual, etc., tal como demonstra MacRae:

Para os daimistas, o mundo dos espíritos é cheio de conflitos que extravasam para o plano físico, onde os espíritos precisam se materializar para estabelecer alianças. Há assim uma constante interação entre o mundo espiritual e o físico. Estes dois mundos, apesar de serem duas “dimensões” diferentes, seriam indivisíveis no cosmos e mutuamente dependentes. Os trabalhos no astral são concebidos como guerras ou batalhas contra a fraqueza, a impureza, a dúvida ou a doença. Os adeptos são os soldados ou os midam que, ao lado de Jura (Deus), formam o Império Juramidam, que dá

² O psiquiatra Stanislav Grof (2000) chama esse tipo de estado alterado de consciência (que pode ser alcançado de diversas maneiras, tais como ingestão de psicoativos, danças, cantos e meditação) de “experiência holotrópica”, palavra cunhada por ele, que vem do grego holos= totalidade/inteireza e trepein= indo em direção a algo. Significa portanto “orientado para a totalidade/inteireza”.

força aos obedientes, humildes e limpos de coração. Assim, Juramidam significa tanto Deus como deus e seus soldados, indicando uma noção ao mesmo tempo individualizada e coletiva da divindade. (MacRae, 1992, p. 70)

Ressaltamos aqui que, embora a miração seja um estado alterado de consciência que é experimentado de forma diferente de indivíduo para indivíduo, sempre há um profundo sentimento de coletividade e mesmo de irmandade que permeia todo o ritual daimista. Tal sentimento transparece principalmente nos hinos da doutrina, que enfatizam a importância da união entre a irmandade, a harmonia, verdade e amor, que devem estar presentes entre todos.

Portanto, o uso da ayahuasca difere muito, por exemplo, do uso recreativo e por vezes abusivo de outros psicoativos ou expansores de consciência, tais como o LSD e a maconha em nossa sociedade. Existem o que MacRae chama de “sanções sociais” que visam regular o uso do Daime e direcionar as mirações de acordo com as propostas religiosas da doutrina: os adeptos daimistas, são conhecidos como fardados, pois durante os rituais usam roupas que se assemelham a fardas militares. Há também uma divisão por sexo: homens ficam separados de mulheres e casados ficam separados de solteiros. Há toda uma preocupação com a postura do corpo durante os rituais, só para exemplificar algumas das sanções.

Na verdade, percebemos que essas sanções sociais não têm um cunho estritamente proibitivo, mas visam também, aliadas ao canto dos hinos, criar uma “segurança”, uma espécie de trilha a ser seguida para que aquele que tome o chá não se “perca” no mundo espiritual. Há sem dúvida um propósito, um direcionamento na miração daimista, e não apenas um “barato”, uma “onda” momentânea. MacRae explica:

O sistema se apóia também sobre a ideologia do parentesco, repetindo-se frequentemente os termos referentes a pai, mãe, filho. O conjunto de adeptos é visto como uma irmandade, e um parentesco simbólico é estendido aos elementos da natureza e a seres espirituais da floresta e das águas, assim como ao sol, à lua e às estrelas. (1992, p. 68)

Neste ponto, convém voltarmos à questão da miração em si: é possível imaginá-la como o acesso a um mundo incorpóreo, fora da realidade concreta, mas de forma alguma irreal ou ilusório. O momento da miração (que pode ser considerada uma experiência holotrópica, tal como descrita por Grof) costuma ocorrer algum tempo após a ingestão do chá, e se intensifica quando os indivíduos mantêm os olhos fechados. Tal como explica Grof :

Os estados holotrópicos caracterizam-se por dramáticas mudanças de percepção em todas as áreas sensoriais. Quando fechamos os olhos, nosso campo de visão pode ser inundado por imagens provenientes de nossa história pessoal e do inconsciente pessoal e coletivo. Podemos ter visões e experiências retratando vários aspectos dos reinos animal e botânico, da natureza em geral ou do cosmo. Nossas experiências podem nos levar aos domínios de seres arquetípicos e a regiões mitológicas.

Quando abrimos os olhos, nossa percepção do ambiente pode sofrer uma transformação ilusória através de projeções vivas desse material inconsciente. Isso pode ser acompanhado por uma grande variedade de experiências envolvendo outros sentidos – sons variados, sensações físicas, cheiros e sabores. (2000, p. 18)

A miração possibilita também um contato profundo com o próprio psiquismo, o que pode trazer mudanças na conduta e no modo de entender o mundo do indivíduo. Muitos indivíduos, após experimentarem as mirações, passam a avaliar suas vidas por um outro ângulo, mais espiritualizado, procurando um sentido mais ético para seus modos de agir, ou ainda podem tomar consciência de atos que podem causar danos a si ou a seus semelhantes, procurando então agir com mais correção.

O virtual de Lévy

Ao iniciarmos nossa exposição sobre o virtual, é preciso deixar claro que não há, no meio científico e filosófico, uma única e bem acabada teoria sobre esse tema. Há, sim, um interesse crescente por ele, vencendo a corrente de pensamento que via o virtual

apenas como uma ferramenta tecnológica sem maiores implicações, mais ou menos como um apêndice de questões mais importantes como a globalização, e não como algo que por si mesmo vem gerando profundas mudanças no nosso modo de ver e estar no mundo.

Além de Lévy (1996, 1999), que aborda o virtual de uma maneira que pode ser considerada “otimista”, “positiva” (algo que discutiremos mais tarde), outros pensadores vêm cada vez mais abordando o virtual em suas discussões sobre o mundo atual.

Podemos destacar o filósofo Jean Baudrillard, que apresenta uma visão radicalmente oposta, encarando o virtual de uma maneira “trágica” e não menos interessante, vendo-o como um simulacro, algo que não gera algo novo, mas infinitas repetições:

Do meu ponto de vista [...], fazer acontecer um mundo real já é produzi-lo, e o real jamais foi outra coisa senão uma forma de simulação. [...] Neste sentido, o virtual coincide com a noção de hiper-realidade. A realidade virtual, a que seria perfeitamente homogeneizada, colocada em números, “operacionalizada”, substitui a outra porque ela é perfeita, controlável e não contraditória. Por conseguinte, como ela é mais “acabada”, ela é mais real do que o que construímos como simulacro. (2002, pp. 41-42)

Não é possível ignorar seu pensamento cortante, porém, suas concepções sobre o virtual fogem aos objetivos deste trabalho, portanto, não iremos utilizá-lo aqui.

O tema do virtual remonta aos primórdios da filosofia, iniciando-se com Parmênides e Heráclito, passando depois a ser pensado por Aristóteles. O virtual voltou à discussão durante a escolástica medieval e foi tema das reflexões de alguns filósofos medievais, como Avicena, Sto. Anselmo e Aberlardo. Tal como foi citado na introdução deste trabalho:

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (Lévy, 1996, p. 15)

Assim, para Lévy, existe o virtual, que tende a atualizar-se, e se assemelha ao possível, já que ambos são não-manifestos, latentes, anunciando um futuro, mais do que marcando uma presença concreta. Opõem-se, portanto, ao real e ao atual, que estão claramente presentes. O virtual traz o conflito em sua essência, já que é pleno de potencialidades, forças e tendências que só são resolvidas quando passam pela atualização, porém:

[...] a atualização é um acontecimento, no sentido forte da palavra. Efetua-se um ato que não estava pré-definido em parte alguma e que modifica por sua vez a configuração dinâmica na qual ele adquire significação. (Ibid., p. 137)

Já o possível (ou os possíveis), que correspondem a uma ordem, às formas e estruturas, estão predefinidos e são selecionados através da realização, que corresponde à substância que subsiste, a causalidade material. O autor descreve a interação entre essas quatro instâncias gerando passagens entre o latente e o manifesto, a substância e o acontecimento:

Talvez caiba considerar o dualismo da substância e do acontecimento como o yin e o yang na filosofia chinesa clássica: haveria passagem, transformação perpétua de um no outro. Cada um deles exprime uma face não eliminável e complementar dos fenômenos, como a onda e a partícula na física quântica. (Ibid., p. 144)

No entanto, embora os quatro se constituam como instâncias interativas e até certo ponto inseparáveis, Lévy aponta que é através do virtual que nos tornamos humanos, já que faz parte da virtualização a passagem à problemática, à interpretação, à criatividade. Podemos então discutir outras características fundamentais do virtual, a desterritorialização e a mudança no

ritmo temporal (que, é claro, ficou mais rápido) ao trocarmos informações através do ciberespaço, gerando uma não-presença: segundo Michel Serres, citado em Lévy, o virtual é uma “não-presença”.

A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais. (Lévy, 1996, p. 20 – grifo meu)

O computador é apenas um suporte técnico para o virtual. Para Lévy, a emergência das linguagens humanas virtualizam o tempo real e abrem margem para outros espaços e velocidades, produzindo um descolamento do aqui-e-agora que permite o jogo, a imaginação, a lembrança. A virtualização não corresponde somente ao que acontece no ciberespaço, mas o nosso corpo também o é, uma vez que existem várias alterações corporais possíveis, tais como receber “sangue desterritorializado”, ver o interior dos órgãos com a ultrassonografia, expandir a força e resistência corpórea através de exercícios físicos ou alterar a percepção por meio de drogas.

É preciso ressaltar que a virtualização, e, além dela, o ciberespaço, são campos propícios para a emergência da inteligência coletiva (embora não necessariamente levem a ela). Podemos utilizar essas instâncias tanto para trocar informações com o outro lado do mundo como também como forma de alienação e controle, tudo isso através do ciberespaço.

A “realidade virtual” pode, inclusive, associar-se à arte e criar mundos virtuais (com cores, formas) por onde se pode experimentar de modo muito “real” a interação sensório-motora com modelos digitais, tal como descrito pelo autor.³ Ou como

Lévy comenta neste trecho:

A “realidade virtual”, no sentido mais forte do termo, especifica um tipo particular de simulação interativa, na qual o explorador tem a sensação física de estar imerso na situação definida por um banco de dados. [...] Na verdade, o explorador de uma realidade virtual não pode esquecer que o universo sensorial no qual está imerso é apenas virtual, já que as imagens e os sons não terão, por muito tempo ainda a definição que possuem no cinema [...] Não podemos confundir a realidade virtual com a realidade cotidiana, da mesma forma como não podemos confundir um filme ou um jogo com a “verdadeira realidade”. (Lévy, 1999, pp. 70-71)

Miração e virtual: correlações e diferenças Nesta etapa do trabalho, gostaríamos de discutir, primeiramente, as semelhanças entre o conceito de virtual e o de miração, para depois delinear algumas diferenças. Lévy afirma que “nós, seres humanos, jamais pensamos sozinhos ou sem ferramentas” (1996, p. 95). Essas ferramentas podem ser livros e computadores, nos quais o virtual se atualiza. Porém, também poderíamos considerar o chá do Daime como um acesso ao virtual, e a miração como um mundo virtual, cheia de atualizações em si mesma e gerando atualizações nas práticas sociais dos daimistas.

Através da miração, os indivíduos têm acesso a um mundo que, embora seja desterritorializado, não é considerado menos real que o mundo concreto. Pelo contrário, os daimistas consideram as mirações como informações do mundo da “Verdade” (com “V” maiúsculo), para que possam se conduzir com correção neste mundo, que é feito de ilusão. Podemos falar dela como um objeto lévyniano:

Reconhece-se o objeto através de seu poder de catálise das relações sociais e de indução da inteligência coletiva. A inteligência técnica e a cooperação no que diz respeito às ferramentas; a inventividade coletiva dos mitos, lendas e do folclore no que diz respeito à circulação das narrativas. (Lévy, 1996, p. 125)

É importante ressaltar que tanto Serres quanto Lévy consideram que o virtual é muito mais antigo que os computadores, sendo que Lévy acredita que é o virtual que nos faz humanos, uma

³ Para entender melhor este ponto, vale ler “Osrose de Char Davies” em Lévy (1996, pp. 39-40).

vez que tudo que fazemos passa primeiro pelo virtual para depois se atualizar, e essa atualização nunca é exatamente igual ao virtual.

A miração possibilita acesso a conteúdos da psique do indivíduo, não só de seu consciente e inconsciente pessoal, mas, muitas vezes, também a aspectos que podem ser considerados pertencentes à “inteligência coletiva” descrita por Lévy, quais sejam: a “comunicação”, a ligação com entidades que fazem parte dos mitos cristãos, indígenas e afro-brasileiros, o que os torna muito presentes na vida dessas pessoas e gera propósitos de estruturação social. Existe uma relação entre as mirações e as regras sociais seguidas pelos daimistas. Mais uma vez, citando Lévy: “o pensamento é profundamente histórico, datado e situado, não apenas em seu propósito, mas também em seus procedimentos e modos de ação” (1996, p. 125). Porém, é preciso ressaltar que pensar a miração como o virtual é uma tentativa nova, pois os conteúdos presentes nesse tipo de experiência psíquica são mais comumente descritos como fazendo parte dos conceitos de inconsciente coletivo e temas arquetípicos tais como descritos por Jung (1965) e Grof (2000). Este último aborda com seriedade várias das percepções de sujeitos que vivem experiências de união psíquica (ou seja, que sentem que suas mentes tornam-se uma só em certos momentos) e descrevem fenômenos telepáticos e visões coletivas, tais como são muitas vezes relatadas por quem experimenta o Daime.

Embora possam ser feitas várias correlações entre esses conceitos e alguns aspectos da inteligência coletiva e o virtual de Lévy, queremos deixar claro que uma coisa não é exatamente igual à outra, sendo necessário um estudo muito mais aprofundado sobre tais temas e seus pontos em comum, o que ultrapassaria em muito o propósito deste artigo. Podemos, a partir deste ponto, ressaltar algumas das diferenças entre a miração e o virtual, a começar por um ponto que nos parece fundamental: a diferença de propósitos entre essas experiências.

O virtual é uma ferramenta cada vez mais utilizada em nossa época, especialmente após o surgimento da Internet e de todos os suportes tecnológicos que deram origem à cibercultura e criam mundos virtuais desterritorializados e com tempo relativo. No virtual, pode-se tomar qualquer direção que se queira, já que ele pode ser usado tanto em pesquisas científicas que procuram a cura de várias doenças como em construção de armas, divulgação de pensamentos neonazistas ou de material pornográfico. O virtual não possui uma ideologia, mas é um gigantesco armazenador e transmissor de informações, sejam elas boas ou más, poços de sabedoria ou desertos de ignorância. Pode tanto aproximar pessoas que vivem em continentes diferentes quanto alimentar a solidão e o individualismo de outros milhares delas.

Quando viajamos pela web, não procuramos, de maneira geral, a resposta para nossos conflitos existenciais ou a orientação de algo ou alguém superior a nós. Procuramos as informações que nos interessam e, muitas vezes, nos sentimos perdidos porque a quantidade delas é muito grande e não conseguimos distinguir com clareza qual é importante e qual não é. Também não existe o menor “compromisso” no virtual levyniano (e muito menos no virtual de Baudrillard) com uma verdade humana ou transcendente. Pelo contrário, o virtual é visto muitas vezes como criador de simulacros, de cópias, onde tudo pode ser tentado sem o compromisso de dar certo ou de ser correto. Quem entra em contato com realidades virtuais sabe que está dentro de uma simulação, ou seja, a relação dessa pessoa se dá do mundo “real” (no sentido de concreto) para um mundo “irreal”, simulado, não-verdadeiro. Os daimistas, pelo contrário, saem do mundo concreto, que acreditam ser feito de “ilusão”, para o mundo da “Verdade”, que, embora seja impalpável, mostra as coisas “tais como elas são”. Porém, tais revelações sempre envolvem provações e sacrifício para as pessoas que as buscam, tal como assinala Grof:

Existe uma outra razão importante para ser tão difícil livrar-nos da ilusão de sermos indivíduos separados vivendo num mundo material: os caminhos para a reunião com a fonte divina são repletos de sofrimentos, riscos e desafios. O drama divino não é um sistema totalmente fechado. [...] Contudo, os caminhos que levam da autodecepção à iluminação e reunião com a fonte apresentam sérios problemas e a maior parte das possíveis saídas são cuidadosamente cobertas. Isso é absolutamente necessário para a manutenção da estabilidade e do equilíbrio no plano cósmico. Essas vicissitudes e ciladas do caminho espiritual representam uma parte importante do “tabu de saber quem somos”. (2000, p. 273)

Além disso, não modificamos nosso estado ordinário de consciência quando acessamos o virtual, em outras palavras, não há um espaço ou um ritual definido para que utilizemos essa ferramenta da forma supracitada. No “espaço” virtual existem inúmeros possíveis, e são bem poucas, por enquanto, as sanções sociais e legais que proíbem a divulgação desta ou daquela informação. Lévy comenta, mais uma vez demonstrando sua visão positiva sobre as redes digitais:

Computadores e redes de computadores surgem, então, como a infra-estrutura física do novo universo informacional da virtualidade. Quanto mais se disseminam, quanto maior a potência de cálculo, capacidade de memória e de transmissão, mais os mundos virtuais irão multiplicar-se em quantidade e desenvolver-se em variedade. (1999, p. 75)

Conclusão

Este artigo teve como objetivo a tentativa de estabelecer uma correspondência entre o conceito de virtual de Pierre Lévy e a miração, estado alterado de consciência experimentado após a ingestão do chá Santo Daime, que foi chamado aqui de estado

holotrópico, conceito definido pelo psiquiatra Grof (2000). Embora tenha sido possível encontrar alguns pontos em comum entre o virtual e a miração, concluímos que existem diferenças fundamentais entre uma coisa e outra. Embora tanto o virtual quanto a miração pareçam partir do mesmo ponto (o pensamento), existem pontos de cruzamento desses conceitos e passagens totalmente diferentes.

Podemos concordar que o virtual, como afirma Lévy, é uma das características mais marcantes do humano, pois o que parece ser muito moderno já era pensado e problematizado pelos filósofos pré-socráticos. Hoje os suportes tecnológicos do virtual (computadores, redes digitais, realidades virtuais) fazem parte do cotidiano de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo. O uso desses recursos tecnológicos não necessita de fé para acontecer, e muito menos acarreta uma mudança de comportamento ou de crenças e visão de mundo por parte de quem os utiliza.

O virtual é uma ferramenta, e, tal como já foi dito, encerra inúmeras possibilidades, boas e más, pacíficas e construtivas ou violentas e destrutivas, que irão ou não ser atualizadas e fazer parte da realidade.

A miração, por seu turno, pertence a toda uma prática social, também antiqüíssima, sendo um dos muitos recursos engendrados pelo homem para alcançar estados alterados de consciência com fins espirituais ao longo da história. Em nossa sociedade pós-moderna, poucos são os interessados em usar tais recursos, que acarretam muitas vezes mudanças radicais na concepção de si e do mundo. Ela não é uma ilusão, assim como o virtual também não o é, mas pertence a uma realidade diferente,

que depende muito da fé. Tal realidade é radicalmente diferente da realidade concreta e requer uma mudança em nossa visão de mundo cientificista e moderna para ser compreendida. Os dois conceitos têm, porém, algo em comum: são assuntos muito interessantes e ainda pouco estudados pela psicologia. Esperamos que, no futuro, tanto a questão do virtual quanto a questão das experiências espirituais sejam estudadas de forma ampla e isenta de preconceito pelas ciências.

No momento em que tantas pesquisas e descobertas acerca do funcionamento do cérebro e da cognição estão sendo realizadas, muito pode ser aprendido através de pesquisas sobre estados não-ordinários de consciência. Profundos insights foram

alcançados, por exemplo, nas pesquisas sobre cognição feitas por Varela et alii (2003) aliadas às práticas da tradição budista. A idéia defendida aqui é que, ao invés de ficarmos na velha postura de encarar as experiências espirituais como psicoses temporárias, delírios coletivos ou neuroses partilhadas, passemos a investigar de forma mais aberta tais estados, seguindo uma postura não-crédula, mas também não preconceituosa. Talvez possamos encontrar neles respostas para muitos questionamentos da ciência em particular e da humanidade em geral.

Referências

- ALVERGA, A. P. (1986). O Livro das Mirações. Rio de Janeiro, Record.
- BAUDRILLARD, J. (2002). Senhas. São Paulo, Editora 34.
- BOLSANELLO, D. P. (1995). Busca do Graal brasileiro – A doutrina do Santo Daime. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- FRÓES, V. (1986). História do povo juramidam – A cultura do Santo Daime. Manaus, Suframa.
- GROF, S. (2000). Psicologia do futuro. Niterói, Heresis.
- JUNG, C. G. (1965). Psicologia e religião. Rio de Janeiro, Zahar.
- LABATE, B. C. (2004). A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos. Campinas, SP, Mercado das Letras.
- LÉVY, P. (1996). O Que é o Virtual? São Paulo, Editora 34.
_____ (1999). Cibercultura. São Paulo, Editora 34.
- MACRAE, E. (1992). Guiado pela Lua – Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo, Brasiliense.
- VARELA, J. F.; THOMPSON, E. e ROSCH, E. (2003). A mente incorporada – Ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre, Artmed.
- WLADIMYR S, A. (1999). Navegando sobre as ondas do Daime – História, cosmologia e Ritual da Barquinha. Campinas, Editora da Unicamp e CMU Publicações.